

# Na busca da mudança social: sonhos e lutas dos Mapuche do Chile

Tese de Doutorado defendida em 2004  
na Faculdade de Educação da Unicamp  
Orientadora: Profa. Dra. Neusa Gusmão

ELBA  
SOTO

**N**a passagem do milênio, muitos se debruçam para avaliar os acontecimentos significativos vividos no limiar de um novo século e com essa base têm lançado seus prognósticos para o milênio que está se iniciando. De maneira concomitante, muitos cientistas sociais têm refletido com relação à denominada megacrise, que afeta o mundo todo. Muitos paradigmas são postos em xeque, aparecem novas visões de mundo, novas propostas para entender este nosso mundo, novas lógicas.

Um dos grandes temas desse momento é a globalização. Ela é estudada com os mais diversos enfoques. O que é importante ressaltar é que a globalização se faz como processo determinado por circunstâncias históricas. Nesse sentido, o mundo globaliza-se e desse processo emergem questões fundamentais, tais como as decorrentes do modelo hegemônico de tipo capitalista, validado para todas as realidades possíveis, versus a defesa das múltiplas diferenças e, com ela, a proposta de paradigmas alternativos num mundo que, apesar da globalização, permanece rico pelas singularidades de cada povo.

O chamado modelo de 'desenvolvimento' social atual, regulado por uma lógica economicista, está em crise. Por outro lado, o próprio modelo da ciência clássica também é rediscutido. Decorrente desses fatos surgem novos olhares, visões mais abrangentes, buscam-se novas formas de explicação da realidade social e, a partir daí, procuram-se novos modelos sociais. Nessa perspectiva, procuram-se paradigmas sociais alternativos e a questão da diferenças culturais assume a maior importância nos processos sociais dos diferentes povos.

É esse o pano de fundo do qual surgiu a tese de doutorado que discutimos neste artigo - a qual foi possível graças à bolsa da Fapesp -, que objetivou estudar o povo mapuche do Chile, tendo como eixo de pesquisa e reflexão a diversidade cultural e seu papel nas tentativas de mudança social desse povo, tentando compreender quais os processos históricos de significação aí envolvidos.

Eu, a autora dessa tese, também sou indígena mapuche, com experiência em trabalho com comunidades indígenas e camponesas no Chile. Aliás, essas duas questões moti-



varam-me a buscar novas compreensões perante os denominados ‘problemas indígenas’ – ainda não resolvidos – e os insucessos nas tentativas de mudança social, quando se trata dos povos indígenas.

#### FILIAÇÕES TEÓRICAS, UNIVERSO DE ESTUDO E DESLOCAMENTOS CONCEITUAIS

Buscamos essas novas compreensões na Análise de Discurso (AD), área de conhecimento na qual a história está presente e que interpreta os discursos não só pelo seu conteúdo, senão que pela forma em que se fala e a partir daí, através da descrição-interpretação desses discursos, compreende seus funcionamentos e como eles significam (Orlandi 1987, 1999; Lagazzi 1988). Além do mais, apostamos na interlocução da AD com a Antropologia, mais especificamente com o olhar antropológico que se orienta na procura de outras interpretações da história e da cultura indígena, além dos sentidos estabilizados, agora, entre outras coisas, baseadas nas próprias interpretações indígenas das histórias de contato índio-branco (Wright 1992), sendo que na atualidade, o cerne da Antropologia seja o estudo das diferenças e das relações de alteridade que daí emanam. Acreditamos na interlocução entre a AD e a Antropologia e de fato, ela mostrou-se extremamente produtiva para avançar na discussão sobre os mapuche e seus processos sociais. Desse modo, a nossa tese de doutorado foi produto de uma pesquisa transdisciplinar e se constituiu a partir da memória discursiva (Payer 1999, Pêcheux 1999) dos mapuche.

O universo dessa tese foram comunidades mapuche rurais da “Área de Desenvolvi-

mento Indígena da Lagoa Lleu-Lleu” da VIII Região do Chile e o alvo desse estudo foi discutir a visão e avaliação dos mapuche sobre os programas e projetos de desenvolvimento que lhes são propostos ou impostos pelo Estado chileno e/ou pelas ONGs. Na sua essência, o objetivo desse trabalho foi mostrar a importância fundamental de compreender como os mapuche se significam nos seus discursos, de modo a incorporar tais elementos discursivos como necessários para elaborar propostas de mudança social que façam sentido para esse povo e sejam, portanto, a razão de processos sociais promotores de mudanças éticas e responsáveis para o mundo indígena.

A questão vital foi dar a palavra aos mapuche. Esse era meu compromisso com meu povo e, segundo a minha percepção de pesquisadora, essa era uma necessidade não atingida, uma falta não percebida pelas múltiplas entidades que tentam entender e solucionar os ‘problemas indígenas’, neste caso, os ‘problemas dos mapuche’. Desse modo, na tese afirmo que no Chile existe uma história oficial construída pela sociedade hegemônica, a chilena, que estabilizou os sentidos de uma nação, um povo homogêneo, uma língua, espaço discursivo no qual os indígenas foram negados como alteridade ou simplesmente negados como possibilidade de serem outros. Assim sendo, a AD surgiu como uma ferramenta que possibilitou re-conhecer os indígenas mapuche, interpretando as suas próprias falas.

Nessa tese trabalhamos com a idéia de processo social dinâmico, sempre se fazendo e que, como tal, envolve mudança e resistência, ou ainda pode implicar em resistência à mudança, resistência na mudança, resistência



para a mudança. Por esses motivos, essa tese não se baseou no conceito de desenvolvimento social estabilizado na sociedade globalizada, sendo significado sob o olhar do modelo hegemônico científico positivista, que tem na continuidade do paradigma de tipo capitalista sua sustentação.

Para muitos, hoje, fica evidente que quando pensamos na mudança social é necessário ultrapassar os velhos conceitos estanques como o próprio conceito 'desenvolvimento', centrado no aspecto econômico e na idéia de que ele é um processo que sempre implica melhoria, avanço, crescimento, sentidos estabilizados na sociedade globalizada que dificultam ou mesmo impedem pensar o desenvolvimento como um conceito mais amplo, apesar das constantes redefinições e reconceitualizações feitas, especialmente quando se reconhecem as crises do planeta e se tenta criar soluções para superar as mazelas do modelo capitalista.

Levando essa discussão aos processos sociais dos indígenas mapuche, é bom começar frisando que a situação desse povo é marcada pela luta e o conflito. Assim, a defesa da sua identidade e a luta pela recuperação do território usurpado pelos *winka* ou não-indígenas, são temas inevitáveis quando se discute a questão mapuche. Contudo, surgem variados projetos de 'desenvolvimento', cujo alvo são as comunidades mapuche. Assim sendo, torna-se inevitável refletir sobre um conceito que na América Latina é considerado fundamental nessa discussão: o etnodesenvolvimento.

O etnodesenvolvimento teria surgido com base em um debate que se inicia, pela recusa de alguns setores da Antropologia dos diferentes enfoques paternalistas do indigenis-

mo tradicional na América Latina, da corrente integracionista ou da tutelar tradicionalista. Logo, os próprios indígenas assumiriam um forte protagonismo nessa discussão (Muñoz 1996). Com relação à sua origem, o conceito foi formulado pelo antropólogo Stavenhagen, em 1981. Nas suas palavras:

O etnodesenvolvimento é concebido como um processo dinâmico e criativo que, mais do que limitá-las, pode liberar energias coletivas para o seu desenvolvimento [...] afinal de contas a corrente cultural principal não passa de uma confluência de múltiplas correntes separadas. E se estas correntes separadas não puderem crescer, a corrente principal acabará por secar (1985: 43).

A partir daí elaboram-se diversas propostas, cuja essência radica em que os povos originários da América não só são capazes de orientar e gerir seus próprios processos sociais, senão que a identidade étnica e a cultura própria encerram soluções insubstituíveis aos problemas dos povos originários (Muñoz 1996). Então, uma primeira contribuição do processo de construção desse conceito seria o deslize de alguns dos sentidos enraizados nessa discussão (e.g. paternalismo *winka*, incapacidade dos indígenas) e a presença indígena que estaria dando visibilidade à necessidade de se escutar outras vozes.

Refletindo sobre o assunto, Cardoso de Oliveira assinala:

[...] esse conceito [...] era [...] quase um contra-conceito, uma vez que implicava uma crítica substantiva às teorias



desenvolvimentistas, bastante em voga nos países de nosso hemisfério. Com esse conceito, propunha-se uma natureza de desenvolvimento “alternativo”, que respeitasse os interesses dos povos ou das populações étnicas, alvo dos chamados “programas de desenvolvimento” (2000: 47).

Sem sombra de dúvida, essa re-valorização da diferença e essa demonstração do desejo de escutar a voz do *outro* são grandes avanços; porém, é preciso assinalar que depois de várias décadas dessa discussão, ainda as propostas desenvolvimentistas ou etnodesenvolvimentistas, dos diversos governos da América Latina, orientadas aos indígenas, continuam sendo geradas e administradas por entidades exógenas e não pelos povos a quem são dirigidas. Percebe-se que na realidade concreta, existiria a necessidade de ultrapassar os objetivos de desenvolvimento social do modelo capitalista hegemônico, que poderia ser entendido como um conceito estanque, cujos sentidos são estruturados em torno da idéia de progresso econômico individual, impostos pela maioria dos programas e projetos elaborados por especialistas.

Cabe lembrar, que foram as denúncias indígenas e a luta dos indígenas pelos seus direitos negados pelas sociedades dominantes, os elementos mais mencionados nos textos de etnodesenvolvimento nas últimas décadas do século passado; porém, essas colocações continuam vigentes nas reivindicações atuais.

Na nossa perspectiva, apesar do avanço que reconhecemos nessa discussão, que poderia ser exposto como o reconhecimento explícito da existência desse *outro* ou desses *outros*

diferente(s), o conceito continua sendo baseado no discurso do mundo ocidental. Acreditamos na necessidade de que a perspectiva etnodesenvolvimentista reconheça que essa idéia teria que ser trabalhada em mão dupla e não só dos estados nacionais para os povos indígenas. Nesse entendimento, concordamos com Cardoso de Oliveira (2000: 193), quando ele afirma:

É claro que essa via [o etnodesenvolvimento] passa pela compreensão recíproca das partes envolvidas. [...] As dúvidas que temos de examinar [...] prendem-se à própria estrutura desse diálogo que, a rigor, ocorre entre indivíduos situados em campos semânticos distintos.

Apesar dos limites acima apresentados, a elaboração do conceito etnodesenvolvimento está sendo parte de processos de luta e de mudança social dos povos indígenas, pelo fato de dar voz a antigas reivindicações fundamentais para esses povos. Nessa perspectiva, é possível prever que ele continuará ocupando os espaços discursivos, até o momento em que outras vozes, ainda caladas ou ainda não escutadas, dêem lugar à diferença, à interlocução, à alteridade.

Assim, depois de trabalhar com o velho conceito de desenvolvimento e refletir acerca das possibilidades de redefini-lo ou reconceitualizá-lo, percebe-se que essas tentativas não conseguem ultrapassar os sentidos estabilizados na memória discursiva do mundo globalizado e que portanto, não conseguem se despir das velhas significações, como são as idéias de progresso centrado no aspecto econômico e outros afins.



Por tudo isso, escolhemos a expressão 'mudança social', já que interessa pensar nos processos sociais dos indígenas e nesse contexto busca-se encontrar seus sentidos e significados, nos quais, ninguém pode assegurar, o desenvolvimento social do estilo capitalista ou o etnodesenvolvimento possam ser mudanças que os indígenas estejam procurando.

Afirmamos que hoje, nos mais variados espaços, procura-se a unidade em torno das diferenças, a unidade na diversidade. Referido à mudança social, entendemos que no caso dos indígenas se está falando da busca de novas trilhas, para o qual é necessário escutar as suas vozes. Assim sendo, nesse trabalho, o nosso propósito foi compreender o funcionamento dos discursos dos mapuche da Lagoa Lleu-Lleu, recolhidos no inverno de 2002.

#### RE-CONHECENDO OS MAPUCHE

Sobre o funcionamento dos discursos analisados na nossa tese, o nosso objeto simbólico, é importante salientar, mais uma vez, que essa descrição-interpretação partiu da idéia de que o discurso não fala, ele significa e por esse motivo necessitamos ir além do conteúdo, para encontrarmos seus sentidos. Estimamos que a nossa análise nos entregou elementos suficientes para entender como o mapuche se significa. Em síntese, podemos dizer que nos discursos *dos* mapuche prevaleceu a posição sujeito do indígena mapuche, praticamente o tempo todo. A voz do indígena que se identifica como mapuche, que se identifica como outro, na medida que também identifica o outro.

Nos discursos *dos* mapuche, buscamos

entender como eles se significam perante a sociedade nacional chilena, para, a partir daí, compreender quais os efeitos de sentido dos 'projetos e programas de desenvolvimento' advindos do Estado, que chegam nas comunidades mapuche. A AD deu visibilidade a duas identificações contrapostas que não se cruzam, o mapuche e o *winka* ou chileno. Dois povos no mesmo território e submetidos às mesmas leis, as leis dos chilenos. Mas, no Chile, a identificação do mapuche como *outro* não é um lugar possível de significação, pois não dá espaço para que a alteridade se realize. Conseqüentemente, as tentativas de 'desenvolvimento' do Estado chileno não fazem sentido para os mapuche. Essa desestabilização dos sentidos dominantes acerca da condição dos mapuche na sociedade chilena, estaria mostrando a urgência de que eles sejam ressignificados, como uma questão fundamental para viabilizar os processos de mudança social desse povo.

Alguns dos ganhos dessa tese foram: colocar o discurso *dos* mapuche em circulação; perceber que no momento atual a interlocução entre os mapuche e os *winka*, ou chilenos, esbarra na interincompreensão, possibilitando que agora, graças a essa nova percepção, se procurem os espaços que viabilizem que a intercompreensão seja possível.

Nessa tese, entregamos uma outra versão da história dos mapuche, distinta da história oficial e também mostramos a visão dos mapuche sobre fatos que constituem a história desse povo e analisando seus discursos, como já foi dito, percebemos que há uma fronteira entre os mapuche e os *winka* que não se desfaz, ou seja, os mapuche não se identificam como chilenos. Não obstante, essa compreen-



são se contrapõe ao sentido sedimentado no Chile e que domina os processos de significação, qual é o sentido cristalizado a partir da constituição da República de Chile, desse Estado-nação, no qual todos os cidadãos chilenos são pertencentes a uma única nação e são todos iguais relativamente aos seus deveres e direitos cidadãos.

A partir daí, os sentidos aparentemente estanques, nessa injunção à interpretação exercida pela voz que fala mais alto, a voz dos *winka* e seu Estado nacional, o Chile, são desestabilizados e emergem outros sentidos, outros significados que dão visibilidade à interincompreensão entre os mapuche e os *winka*. Os mapuche não são chilenos e os chilenos não são mapuche. Os mapuche são um povo com uma outra história e com uma outra língua, negando-se assim, a homogeneidade dos cidadãos chilenos que, no discurso nacional oficial, falariam a mesma língua e teriam os mesmos direitos.

Outro aporte importante da tese foi uma nova compreensão acerca dos programas e projetos de 'desenvolvimento' que chegam às comunidades indígenas rurais. Esse programas e projetos que têm por objetivo colaborar para o "progresso" dessas comunidades, têm sentidos diferentes aos cristalizados no discurso dos *winka*. Pois nos discursos dos mapuche velhas compreensões são derrubadas, destruídas, des significadas, dando-se lugar a outros significados, agora de controle, de dependência, de humilhação, de degradação, de apagamento, de morte do mapuche. Enfim, uma compreensão que mostra a existência do mapuche em risco e em contradição com o chileno. Assim sendo, o efeito de sentidos nesse processo discursivo todo

é a presença de duas identidades, de duas nações, onde nação faz sentido para os mapuche enquanto os identifica com seu povo e não com a nação chilena, enquanto para os chilenos tanto eles como os mapuche formam parte da mesma nação, o Chile, e portanto todos são chilenos. Atrelado a essas duas identidades surgem também diferentes compreensões do conceito de território: há dois povos, há pugna pelo território, há uma fronteira e esses povos não se misturam.

No final, o efeito de sentido é uma interincompreensão constitutiva dos discursos dos mapuche e dos chilenos, que aparece negando a possibilidade de interlocução, a possibilidade de compreensão e, portanto, a possibilidade concreta de que projetos de mudança social, advindos do Estado chileno, façam sentido para os mapuche e/ou de que projetos que façam sentido para o povo mapuche sejam elaborados pelos chilenos. Por tudo isso, no momento atual, podemos perceber movimentos de resistência mapuche às mudanças orientadas pelo Estado.

Consideramos que esse trabalho é o início dessa linha de pesquisa. A saber, na nossa tese apontamos três condições necessárias para que a interlocução entre o povo mapuche e o povo chileno seja possível: a compreensão do discurso dos mapuche pelos chilenos, a compreensão do discurso dos chilenos pelos mapuche e, por último, que os dois povos apostem na sua capacidade de intercompreensão e que procurem a interlocução sobre essas bases. Quer dizer, existe a necessidade de que ambos os povos compreendam um ao outro para que a alteridade se realize e as soluções ao 'problema indígena' entrem ao espaço do possível.



Sabemos que na nossa tese fizemos aflorar um tema de extrema complexidade, permeado pelas questões do direito jurídico e do poder, que estão sempre marcando as relações entre os povos indígenas e os *winka*, assuntos que, pelas condições de produção dessa tese não pudemos aprofundar. Não obstante, demos visibilidade a questões significativas que colaboram para melhor compreender o assunto mapuche e as possibilidades de mudança social desse povo. Percebemos como a interlocução entre os mapuche e os *winka* se bloqueia na interincompreensão. Assim sendo, abrir espaço para trabalhar essa interincompreensão é o que esperamos que este estudo possa fazer. Está na hora de escutar as outras vozes...

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O trabalho do antropólogo*. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora Unesp, 2000.
- LAGAZZI, Suzy. *O desafio de dizer não*. Campinas: Pontes, 1988.
- MUÑOZ, Bernardo. *El etnodesarrollo y los pueblos indígenas, sus proyectos sociales y su identidad étnica*. Corporación de Promoción Universitaria. Documento de Trabajo nº 05/1996.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas: Pontes, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.
- PAYER, Maria Onice. "Memória da língua: imigração e nacionalidade". Campinas-SP: Unicamp, 1999. (Tese de doutorado) - Universidade Estadual de Campinas-SP.
- PÊCHEUX, Michel. "Papel da memória". In: ACHARD, Pierre *et al.* *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 1999.
- STAVENHAGEN, Rodolfo. "Etnodesenvolvimento: uma dimensão ignorada no pensamento desenvolvimentista". *Anuário Antropológico/84*, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985, p. 11-44.
- WRIGHT, Robin. "Uma conspiração contra os civilizados: história, política e ideologias dos movimentos milenaristas dos Arawak e Tukano do Noroeste da Amazonia". In: *Anuário Antropológico/89*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992, p. 191-231.

1870

...

...

...

...

...

...

...

...

...